

O EFEITO EROS

George N. Katsiaficas

Wentworth Institute of Technology

Tradução de Rondnelly Nunes de Assis

RESUMO: Apresentado originalmente em 1989 na Conferência Nacional da American Sociological Association, este texto do sociólogo norte-americano George N. Katsiaficas faz um levantamento das teorias tradicionais dos movimentos populares à luz de seu distanciamento do agregador tradicional das lutas de libertação, a classe. A partir de movimentos como os dos direitos civis das mulheres e dos negros nos Estados Unidos, Katsiaficas mostra que as teorias tradicionais do "comportamento de grupo" são marcadas por "vieses antidemocráticos extremos". Confrontando-se com tais concepções, o autor desenvolve a teoria do efeito Eros, que destaca o caráter natural dos movimentos sociais por estes serem fundados em uma "necessidade instintiva de liberdade".

Palavras-chave: movimentos sociais, luta de classe, Eros, psicanálise.

ABSTRACT: Originally presented at the 1989 American Sociological Association National Meetings, this paper written by the North American sociologist George N. Katsiaficas reviews the traditional theories of popular movements in light of their detachment from the traditional organizer of liberation struggles, class. Drawing on movements such as women's and black civil rights in the United States, Katsiaficas demonstrates that traditional theories of "group behavior" are characterized by "extreme anti-democratic biases". Confronting such theories, the author develops the Eros effect theory that highlights the natural character of social movements as they are born from an "instinctive need for freedom".

Keywords: social movements, class struggle, Eros, psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é desenvolver o conceito de efeito Eros enquanto ferramenta analítica para, através dele, reconceituar a área de estudos dos movimentos sociais e comportamento coletivo, que se encontra atualmente polarizada, e compreender melhor uma parte dos fenômenos sociais analisados por ela. O efeito Eros se refere

essencialmente às qualidades transcendentais dos movimentos sociais, ao que acontece nos levantes sociais que se tornam populares repentinamente e transformam a ordem social estabelecida de forma dramática. Como irei discutir, o efeito Eros ocorre quando as premissas básicas de uma sociedade – nacionalismo patriótico e a autoridade do governo; a hierarquia, a divisão do trabalho e a especialização – desaparecem da noite para o dia. Nos momentos de efeito Eros, os movimentos populares não apenas imaginam uma nova forma de vida e uma realidade social diferente; milhões de pessoas vivem de acordo com normas, valores e crenças transformados.

No contexto da sociedade pós-moderna, o efeito Eros é melhor representado pelos acontecimentos de Maio de 68 na França e Maio de 70 nos Estados Unidos (KATSIAFICAS, 1987). Após o levante global da Nova Esquerda, acontecimentos como os inesperados episódios de Marcos, Duvalier e do xá¹ demonstram de forma dramática o fenômeno considerado neste trabalho. A celebração da pulsão de vida acontece de forma ritualizada no *Mardi Gras* em Nova Orleans, mas a origem e as dimensões do efeito Eros são bastante distintas, considerando que este último ocorre fora do paradigma de planejamento e comportamento institucionais.

Dentro da sociologia, a categoria de comportamento descrita pelo efeito Eros foi discutida na época da industrialização como comportamento de massa, um tipo de fenômeno originalmente estudado a partir da teoria do contágio de LeBon (LEBON, 1895) e, posteriormente, pela teoria da convergência (CANTRIL, 1941) e da norma emergente (TURNER; KILLIAN, 1987). Ao discutir criticamente as tentativas anteriores de compreender tais episódios de comportamento de grupo, será construída uma definição mais precisa do efeito Eros. Deve-se salientar que o efeito Eros é uma categoria elaborada especificamente para analisar formações sociais pós-industriais (ou pós-modernas) nas quais multidões isoladas foram substituídas por coletividades massificadas. Mediante uma revisão crítica das teorias citadas acima, espero deixar claro que o efeito Eros é mais apropriado que as formulações anteriores para compreender a possível forma futura das explosões sociais no contexto dessas sociedades pós-modernas.

1 NT: Referência aos ditadores Ferdinand Marcos, das Filipinas, deposto em 1986; Papa Doc Duvalier do Haiti, que se manteve no poder até sua morte (em 1971); e ao Xá da Pérsia, Mohammad Reza Pahlavi, deposto pela revolução iraniana em 1979.

O EFEITO EROS E O ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Como uma ciência relativamente jovem, fundada no século dezenove em reação à anarquia da revolução francesa e à desordem política que a seguiu, a sociologia teve uma visão limitada dos movimentos sociais e do comportamento coletivo. Afinal, a preocupação original da sociologia foi localizar as fontes da ordem e da coesão social, uma preocupação preponderante que prejudicou seriamente a compreensão científica do conflito e da desordem.

O mundo atual muda tão rapidamente que até mesmo o estudo das mudanças tem sido obrigado a acompanhar seu ritmo. Há apenas um século Gustave LeBon formulava sua teoria do comportamento da multidão. Apesar de sua teoria ser postulada a partir de vieses antidemocráticos extremos, seu estudo das multidões ajudou a fundamentar as pesquisas acadêmicas nesta área por décadas. Meio século depois, a concepção sociológica das revoluções deu o que pareceu ser um grande salto adiante na perspectiva da história natural de Crane Brinton e Lyford Edwards. Derivada de um conjunto de pressupostos bastante distintos dos da teoria de LeBon, e almejando explicar processos de mudança em prazos mais longos que LeBon, a perspectiva da história natural, no entanto, compartilhou com LeBon o juízo de valor de que aqueles indivíduos envolvidos nas revoluções eram anormais e doentes – “filósofos-assassinos” febris, nas palavras de Brinton, como micróbios que se alimentam de carne em decomposição, parafraseando LeBon.

Nos anos 60, a eclosão de movimentos mundiais ajudou a transformar a compreensão teórica do papel dos movimentos sociais na ordem social. Os movimentos sociais eram entendidos por muitos como tentativas racionais de transformar as normas, os valores e as instituições, uma visão que resultou na ruptura dessa categoria de fenômenos com a área de comportamento coletivo (GUSFIELD, 1968). De acordo com argumentos previamente estabelecidos, episódios de comportamento coletivo – multidões, modas, pânico, manias e protestos – eram fenômenos fundamentalmente espontâneos e emocionais; no mínimo, eram certamente formas de ação não racionais que deveriam ser entendidas em contraste com o comportamento institucional normal (SMELSER, 1962). A nova visão de que os movimentos sociais eram fundados em uma crítica racional da ordem

estabelecida significava que eles só poderiam ser analisados adequadamente se separados do campo do comportamento coletivo.

Com certeza houve também contribuições ao estudo dos movimentos sociais que não os consideravam nem racionais, nem normais. A tese de Lewis Feuer, que considerava que a Nova Esquerda era apenas um produto do complexo de Édipo, apesar de amplamente discutida, foi considerada ideológica e idiossincrática pela grande maioria dos estudiosos dos movimentos sociais. Considerar os movimentos sociais “racionais”, no entanto, significava que eles não poderiam mais ser considerados simplesmente como funções de impulsos inconscientes. O conteúdo emocional dos movimentos sociais foi assim racionalizado, abrindo caminho para o surgimento das abordagens dos movimentos sociais pós-1960 que enfatizavam a mobilização de recursos, as redes organizacionais e informais, os sistemas de cálculos racionais e expectativas crescentes ou frustradas como fundamento desses movimentos.

Não está no escopo deste trabalho lidar com a variedade de teorias que tentam explicar as causas dos movimentos sociais através da localização de suas origens na tensão e frustração sociais, nos recursos que podem ser mobilizados ou na análise de custo-benefício dos manifestantes. Ao desenvolver o conceito de efeito Eros em relação às teorias clássicas de comportamento coletivo, espero renovar a tradição de pensamento que vê os seres humanos (e não recursos, organizações e/ou fluxo e refluxo de riqueza econômica) como centrais à transformação da realidade social.

Contrastando com a nova geração de teorias dos movimentos sociais, a teoria do efeito Eros busca compreender a natureza do comportamento de grupo nos momentos de crise social como atributos dos seres humanos, não como simplesmente causados por condições sociais. Minha teoria tenta reintegrar o emocional e o racional de modo que o emocional e o irracional não sejam usados como sinônimos e nem forma depreciativa em suas caracterizações. Busco afirmar o conteúdo emocional dos movimentos sociais como ação erótica, ação que pode ser considerada sublimação coletiva libertária – uma forma racional de eliminar bloqueios psicológicos coletivos. Assim como Fanon (1968) descobriu os efeitos psicológicos positivos sob o indivíduo resistente ao colonialismo, discutirei benefícios positivos similares na oposição de grupo às estruturas estabelecidas da sociedade pós-moderna e postular que as emoções eróticas podem ser uma poderosa fonte de ação construtiva coletiva.

LEBON E A PATOLOGIA DAS MULTIDÕES

A origem do estudo moderno do comportamento coletivo data da análise das multidões de LeBon, um tipo de comportamento social que ele julgava selvagem e destrutivo. O problema que marcou sua investigação foi descobrir o processo pelo qual a raiva e a hostilidade, inicialmente individualizados, poderiam se espalhar rapidamente em um grupo e serem internalizados acriticamente. De acordo com LeBon, o anonimato e a sugestibilidade das multidões tornavam seus participantes suscetíveis a um processo de contágio através do qual os padrões de comportamento comuns de pessoas decentes e civilizadas poderiam ser neutralizados, abrindo a porta a atos perversos de brutalidade.

LeBon formulou sua lei da unidade mental das multidões para explicar precisamente como as personalidades individuais dos membros das multidões poderiam ser suspensas quando uma personalidade de grupo é sobreposta a elas. Ele explicava episódios de comportamento coletivo com base no processo de contágio pelo qual humores, atitudes e comportamentos são rapidamente comunicados e aceitos acriticamente (um processo não muito diferente do instinto gregário de Freud). Sentimentos e emoções foram considerados contagiosos como as doenças mais temidas. O processo normal de interpretação desaparece enquanto uma mera resposta ao estímulo surge. Todas as pessoas tomam a mesma direção, sua personalidade consciente desaparece e emerge o lado sinistro da personalidade humana, associado por LeBon à natureza e às emoções (em contraste com a racionalidade e a civilização).

Apesar da orientação fundamentalmente antidemocrática de LeBon, indicada por sua crença de que a democracia não era nada além de um governo institucionalizado das massas, a teoria do contágio continua sendo uma interpretação popular do comportamento coletivo. Seu equivalente nos anos 60 foi a teoria do sempre presente agitador externo, capaz de trazer a doença contagiosa a um campus universitário ou a um gueto, uma doença que simplesmente dominaria estudantes e afro-americanos previamente civilizados e os transformaria em radicais raivosos. A suposição, é claro, é que são os líderes que causam as revoltas, que os movimentos sociais não são pautados por nenhuma necessidade ou crença populares, mas que são fenômenos fundamentalmente anormais, produzidos artificialmente.

Embora Freud não compartilhasse completamente das ideias políticas de LeBon, ele postulou um processo similar de comportamento de massa. De acordo com

Freud, a libido fica exposta em situações de massa, e “a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu”² (FREUD, 1920). Freud compartilhava da opinião de LeBon de que o estado mental das multidões era similar aos das crianças, uma suposição o levou à necessidade de figuras paternas. Para Freud, o equivalente do agitador externo era a explicação do surgimento de episódios de comportamento coletivo (KATSIAFICAS; KIRKPATRICK, 1987).

TEORIA DA CONVERGÊNCIA E PSICOPATOLOGIA DA MULTIDÃO

Diferentemente da suposição da teoria do contágio de que o comportamento coletivo surge como resultado de um estímulo externo de pulsões patológicas latentes, a teoria da convergência postula o surgimento de episódios de comportamento coletivo a partir da existência simultânea de estados psicológicos e orientações normativas entre seres humanos que se agregam. Onde a teoria do contágio presume que uma agregação heterogênea de indivíduos se torna uma multidão homogênea, para a teoria da convergência, episódios de comportamento coletivo simplesmente relevam o verdadeiro eu dos vários atores que se encontram subitamente em movimento. Esses verdadeiros eus são compreendidos pela teoria da convergência como contendo impulsos primitivos como ódio e egoísmo, impulsos esses que são libertos pelas multidões. Para a teoria da convergência, a psicopatologia é o direcionamento da análise da multidão, a irracionalidade coletiva é o que é analisado, um fenômeno que é observado em contraste com processos que envolvem a razão e o discernimento.

Em geral, os teóricos da convergência postulam que é a classe baixa e os marginalizados no funcionamento ordeiro do sistema social que participam de episódios de comportamento coletivo. A continuidade entre os indivíduos “desviantes” e o comportamento de grupo “anormal” serve como prova à hipótese da teoria da convergência.

Uma vez que a teoria da convergência pressupõe a uniformidade da multidão, os agitadores externos e líderes não são importantes para sua análise. Ao contrário, a

2 NT: FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 14.

presença de infiltrados desviantes não comprometidos com os valores e normas ordinários se tornaram o foco da análise, e a questão que orienta o estudioso torna-se a possibilidade de identificar tipos de personalidade “propensos à multidão”, uma questão respondida nos anos 1960 nos numerosos perfis de “desordeiros”.

NORMAS EMERGENTES E DIVERSIDADE DE GRUPO

Enquanto as duas teorias abordadas acima diferem sobre a forma como a uniformidade de comportamento da multidão é alcançada, ou seja, se são influências externas que se espalham ou se são necessidades preexistentes que são facilitadas, a teoria da norma emergente questiona a uniformidade das multidões e enfatiza as origens múltiplas dessas formações. Se as teorias do contágio e da convergência pressupõem que as multidões sejam compostas por indivíduos originalmente independentes que, de alguma forma, desenvolvem uma unidade, a teoria da norma emergente estende a suposição da independência dos indivíduos até mesmo ao auge da atividade da multidão. Esta teoria afirma que novas normas surgem em episódios de comportamento de multidão, mas questiona se a aceitação dessa nova norma é uniforme ou unânime entre todos os que por acaso são parte da multidão.

Em relação àqueles que aceitam a nova norma, a teoria normativa considera que eles criam um novo grupo, regulado pela busca por novas normas sociais. Esta criação de uma nova norma tem pouca relação com a ideia da teoria da convergência de uma facilitação espontânea das normas existentes ou com a imposição da patologia da multidão no indivíduo, da teoria do contágio, uma vez que é uma norma nova – ou emergente – que está em jogo. Não obstante, de acordo com a teoria da norma emergente, o comportamento coletivo ainda permanece excepcional – ele ainda é contrastado com o comportamento institucional normal. Como disse Ralph Turner: “Porque o comportamento na multidão é diferente seja em grau seja em tipo daquele em situações de não multidão, a norma deve ser específica à situação em algum nível – daí a norma **emergente**” (TURNER, 1964, p. 330).

Como a teoria da norma emergente teve o cuidado de reconsiderar a classificação do comportamento coletivo como anormal e patológico, ela o fez, em grande medida, ao reorientar a natureza da investigação das variáveis psicológicas às sociológicas – dos impulsos inconscientes às trocas cognitivas simbólicas. Através de uma ênfase na

dinâmica cognitiva, a teoria normativa procurou explicitar a continuidade entre o comportamento de grupo e o de multidão. Tal passo, no entanto, efetivamente subverte o sentido do domínio do inconsciente no comportamento de multidão. O foco da investigação para a teoria da norma emergente é como as normas tornam-se neutralizadas, uma condição que deve existir para que as novas normas emergentes se generalizem. Uma vez que uma norma emerge, a teoria normativa assume que indivíduos se conformam a ela ao suprimirem qualquer disposição “imprópria” em vez de se referirem a algum processo psicológico.

CONTÁGIO LÍDER-SEGUIDOR

Nos anos 60, a percepção crescente dos estudiosos dos movimentos sociais era de que os manifestantes eram atores racionais. Um dos teóricos que apresentaram esta posição foi Anthony Oberschall (1973). Curiosamente, Oberschall desenvolveu mais recentemente o conceito de contágio líder-seguidor em relação a seu estudo sobre os movimentos sociais dos anos 60 (OBERSCHALL, 1978). Embora mais recente que a teoria da norma emergente, essa teoria retoma o paradigma de LeBon em vários pontos importantes. Primeiro, ela constrói uma hierarquia entre líderes e seguidores de movimentos sociais. De acordo com Oberschall, agentes políticos (ativistas) reúnem “equipes transitórias” que fornecem trabalho e “distritos de consciência” que fornecem dinheiro, e juntos eles constituem a infraestrutura dos movimentos sociais. Um “sistema estelar” criado pela mídia de massa, considerada por Oberschall como central aos movimentos sociais dos anos 60, estimula um “efeito manada” e uma “dinâmica líder-seguidor”. A “diminuição do tempo de reação” dos estímulos induzidos pela mídia resulta em uma dinâmica centralizada de estímulo-resposta entre iniciadores e receptores.

Embora a teoria de Oberschall tenha o mérito de tentar entender as mídias como canais de comunicação significativos na sociedade pós-moderna, ela o faz os incorporando na teoria do contágio. Sua hierarquia descendente de líderes a seguidores é uma reformulação da ideia de LeBon de que multidões sobrepõem seus valores aos dos indivíduos, com a exceção de que agora são as imagens da mídia que se sobrepõem aos ativistas. Ele argumenta que as intenções dos ativistas não são relevantes ao que é, essencialmente, um padrão de comportamento definido externamente.

O EFEITO EROS

Em contraste com as teorias acima, o efeito Eros postula que os fenômenos em consideração são simultaneamente naturais e não patológicos, racionais e emocionais. Em vez de conceber o comportamento de grupo como sendo artificialmente estimulado pela mídia de massa, espontaneamente facilitado, induzido por contágio ou como produto de uma nova norma, os episódios do efeito Eros são considerados como sublimação coletiva da necessidade instintiva de liberdade. Contrastando com a postura tradicional que trata o irracional como mal e o não-racional como indigno de respeito, o efeito Eros reflete uma interpretação de que a natureza interior é a fonte da ação racional – de liberdade –, uma percepção que leva à postulação de uma dimensão libertadora em alguns tipos de explosões coletivas. Nos momentos de efeito Eros há simultaneamente a negação da institucionalização sistemática da “sobrevivência do mais apto”, como princípio organizador da sociedade, e uma catexia espontânea entre os seres humanos nos níveis fundamentais da solidariedade social. A mobilização para a ação ocorre através da intuição dos participantes tanto quanto de suas crenças racionais, e esta identidade intuitiva da espécie forma a base para a atividade coletiva.

O que LeBon e Oberschall veem como um comportamento externalizado, eu vejo a partir do efeito Eros como ação que emana de, e alcança, as dimensões mais profundas da alma dos seres humanos. O que é visto universalmente como episódico, vejo como historicamente contínuo, seja espalhado de boca a boca, via intuição ou por transmissão intergeracional paleosimbólica. Assim, o efeito Eros postula que os movimentos populares internalizam espontaneamente novos níveis de atividade que os episódios prévios da luta revolucionária já desenvolveram, explicando assim por que os movimentos recém-emergentes continuamente se identificam com seus predecessores.

A transformação do interesse individual em interesse de espécie é a dimensão essencial do efeito Eros. Um exemplo desse tipo de atividade ocorreu em Maio de 68, na França, especificamente durante uma passeata em protesto pela expulsão da França de Daniel Cohn-Bendit, um judeu alemão que foi um dos líderes da revolta estudantil que provocou a greve de dez milhões de trabalhadores. A multidão como um todo – incluindo um importante contingente de árabes – começou a entoar: “Somos todos judeus alemães”. Nessa situação ocorreu um processo intuitivo de identificação no qual o interesse individual e o de grupo foram transcendidos à medida que o interesse universalizado da

espécie emergia. Não foi apenas a criação de uma nova norma: em questão de dias todo o sistema de valores e as instituições da França foram transformados na vida cotidiana de milhões de pessoas. O nacionalismo patriótico foi varrido pelo internacionalismo, e a França se encontrava à beira de uma revolução na medida em que fábricas, universidades e cidades autogestionadas apareciam.

Como explicar essa transformação súbita de toda a sociedade? As teorias desenvolvidas anteriormente simplesmente não nos fornecem um paradigma explicativo. Claramente não foi uma imposição patológica dos instintos selvagem de rebanho; nem há qualquer evidência de que havia uma predisposição generalizada à revolução ou à desordem (de fato, há muitas evidências contrárias); a reformulação cognitiva das variáveis normativas também não pode explicar esses eventos. Para complicar a questão, deve-se lembrar que o efeito Eros de 1968 não foi apenas um fenômeno nacional, mas espalhou-se por todo o mundo (KATSIAFICAS, 1987).

Outro exemplo de relevância do efeito Eros ocorreu em setembro de 1970 quando o Partido dos Panteras Negras convocou uma “Convenção Constitucional dos Povos Revolucionários” e mais de 15.000 pessoas se reuniram na Filadélfia. Um dos grupos mais proeminentes a participar da manifestação era composto por gays que entraram cantando: “Poder gay aos gays! Poder para o povo!”. Apesar dos conhecidos antagonismos entre os movimentos negro e homossexual, neste momento de efeito Eros as divisões sociais existentes desapareceram. Não foram os atavios civilizados dos indivíduos que desapareceram à medida que uma identidade de grupo se formava – como acreditava LeBon – mas sim as divisões sociais criadas pelo sistema mundial e séculos de superstição e estratificação. Nesse momento de efeito Eros, a unidade potencial da espécie humana foi momentaneamente decretada. Seres humanos tornaram-se seres humanos a despeito das categorias sociais criadas no passado.

Ironicamente, é na sociedade pós-moderna, cujas características fundamentais são uma objetividade descentrada e uma subjetividade desconstruída, que a reconstrução da espécie pode acontecer através do efeito Eros (TOURAINÉ, 1988). A unidade instintual da espécie, manifesta nos exemplos anteriores, é, ao mesmo tempo, uma experiência vivida de liberdade – liberdade entendida como a unidade dialética entre existência individual autônoma e solidariedade coletiva, geralmente consideradas opostas. Utilizando um cruzamento similar entre conceitos contraditórios, Denise Levertov explicou a poesia como

“um meio de construir existências autônomas a partir de palavras e **silêncios**” (LEVERTOV, 1981, grifo nosso).

O sentido desta formulação é incompreensível aos teóricos tradicionais porque eles são incapazes de resolver conceitos contraditórios – por exemplo, preencher a lacuna entre os planos de análise macro e micro. O efeito Eros deriva da constatação de que a revolução é o processo pelo qual a natureza se torna história (*Aufhebung der Naturwüchsigkeit*), da transformação do inconsciente humano pelo florescimento de suas potencialidades eróticas. Tal compreensão do aspecto emocional dos seres humanos como um ímpeto ao desenvolvimento da espécie é estranho às formulações teóricas do comportamento coletivo precedentes.

As teorias tradicionais, mesmo aquelas que postulam a racionalidade dos movimentos sociais, não compreendem a conjugação entre as racionalidades instrumental e estética nos momentos de efeito Eros. A transformação do que começou como um desafio político sério em amor lúdico nas barricadas em 1968 foi dramatizada com o uso dos figurinos do Teatro Odeon pelos manifestantes, que foram com eles trajados às ruas de Paris. A forma desses acontecimentos mais se aproxima do jazz, do surrealismo e das artes performáticas, e se conforma às categorias de contágio em massa, frustração ou dinâmica de grupo normal (WILLENER, 1970). O próprio surgimento de uma racionalidade emocional em meio à luta política transcende as categorias de ação, que as teorias consagradas da ação social e comportamento coletivo supõem.

Esta breve exposição do efeito Eros deixa muitas questões em aberto. O efeito Eros pode ser confirmado empiricamente? Tal feito seria possível por meio de uma investigação do que poderiam ser (e assim o parece) taxas reduzidas de crimes antissociais nos momentos de efeito Eros. De toda forma, problemas referentes aos dados seriam imensos, já que os métodos existentes de quantificação já teriam certamente sido prejudicados dada a natureza do efeito.

Como diferenciamos o efeito Eros de seu oposto, o efeito Thânatos, poderia ser postulado, a título de exemplo, como a força motriz dos linchamentos? Para esclarecer, não acredito que as multidões sejam um fenômeno social uniforme, e mesmo que aceitemos a tipologia padrão dos diferentes tipos de multidão, também não creio que exista um conjunto de variáveis explicativas das multidões.

Há dois outros planos de análise nos quais o efeito Eros deve ser levado em conta: como uma estratégia dos movimentos sociais e no plano filosófico. Em relação ao primeiro, o efeito Eros se converte em um conceito analítico que busca preencher a lacuna entre a teoria e a prática. Diferentemente das táticas dos movimentos sociais precedentes, tal como insurreições armadas ou greves gerais, o efeito Eros é uma nova tática dos movimentos revolucionários que surge nas formações sociais pós-modernas. Assim como a greve geral representa o auge da luta de classes na era industrial, o efeito Eros é a forma de contestação das estruturas da sociedade pós-moderna. A sincronicidade da vida nas sociedades perpassadas pela mídia de massa, a imensa influência das instituições de massa e a transformação de grupos secundários em organizações de massa são condições para o surgimento do efeito Eros, mas apenas essas condições são insuficientes para explicar sua existência.

No maio de 68 francês, assim como no maio de 70 estadunidense, o espaço público e os domínios da vida cotidiana foram contestados. Quer fossem as ruas de Paris ou as autoestradas dos Estados Unidos, as relações entre homens e mulheres ou entre jovens e idosos, o espaço social como um todo foi contestado por uma população mobilizada cujas novas necessidades e normas constituíam uma negação determinante da realidade social existente, uma negação que não apenas protestava pelo estado do mundo, mas que envolvia milhões de pessoas ao reorientar suas vidas cotidianas em seus níveis mais básicos. No lugar de uma política, uma economia e estruturas sociais hierarquizadas de cima a baixo, e também dos valores e normas previamente dominantes, houve uma transformação nas vidas cotidianas de milhões de indivíduos envolvidos nesses levantes organizados espontaneamente. Desde os movimentos de 1968, o efeito Eros foi intuitivamente internalizado por movimentos populares no Irã, nas Filipinas e no Haiti como meio de derrubar regimes consolidados. Na medida em que cresce a concentração de riqueza, o poder e a cobertura midiática no sistema mundial, parece razoavelmente claro que o efeito Eros pode surgir em mais contextos do que anteriormente se pensava.

A incapacidade da teoria tradicional de atravessar o abismo entre o micro e o macro a torna incapaz de compreender a continuidade dos acontecimentos citados acima ou a sincronicidade do que ocorreu em 1968. A Nova Esquerda foi, essencialmente, um movimento histórico mundial, um termo que se refere aos movimentos que afetam profundamente as ordens sociais onde surgem. Não sendo convocados por líderes ou

visando meras mudanças nos cargos de poder ou instituições existentes, mas almejando uma transformação qualitativa das instituições, das normas e dos valores das sociedades, tais movimentos “falharam” com mais frequência que “tiveram sucesso” nos últimos dois séculos, se considerarmos os acontecimentos de 1848, 1905 e 1968. Em cada um desses períodos, os movimentos não tiveram sucesso na empreitada de tomar o poder político, mas cada um deles modificou profundamente as estruturas sociais existentes e os seres humanos. Em 1848 e em 1905, havia apenas uma conexão limitada entre os vários membros do sistema mundial, mas em 1968, o mote “O mundo inteiro está assistindo!” já indicava a amplitude da crescente conexão do sistema mundial, um desenvolvimento que preconiza a nítida possibilidade de reaparecimento do efeito Eros.

No plano filosófico, o efeito Eros dá solução ao enigma do dualismo sujeito-objeto cartesiano que caracteriza o estudo sociológico dos movimentos sociais e do comportamento coletivo. Por meio do efeito Eros, novas informações podem ser acopladas à natureza humana e ao estudo da dicotomia racional-emocional que forma o substrato a partir do qual as teorias do comportamento coletivo se articulam. O processo de mudança social, considerado como autoformação da espécie humana, pode ser entendido como distinto de um processo natural. Os marxistas soviéticos, é claro, enfatizam o papel histórico do trabalho nesse processo. Mais recentemente, Habermas (1971) explicou o papel da comunicação, e Herbert Marcuse (1972), o da arte na transformação da espécie humana em um ser genérico. O efeito Eros deriva de uma compreensão similar – de que a revolução constitui outro domínio, a partir do qual a espécie humana, surgida de sua evolução condicionada naturalmente, se torna um ser genérico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANTRIL, H. *The psychology of social movements*. New York: Wiley, 1941.
- FANON, F. *The wretched of the earth*. New York: Grove Press, 1968.
- FREUD, S. *Group psychology and the analysis of the ego*. New York: Liveright, 1920 [1967].
- GUSFIELD, J. *The study of social movements*. In: *Encyclopedia of the social sciences*. v. 14. New York: Macmillan, 1968, p. 445-452.
- HABERMAS, J. *Knowledge and human interests*. Boston: Beacon Press, 1971.

- KATSIAFICAS, G. *The imagination of the new left: a global analysis of 1968*. Boston: South End Press, 1987.
- _____; KIRKPATRICK, R.G. *Introduction to critical sociology*. New York: Irvington, 1987.
- LEBON, G. *The crowd*. New York: Viking Press, 1895 [1960].
- LEVERTOV, D. *Light up the cave*. New York: New Directions, 1981.
- MARCUSE, Herbert. *Counterrevolution and revolt*. Boston: Beacon Press, 1972.
- OBERSCHALL, A. *Social conflict and social movements*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1973.
- _____. *The decline of the 1960s social movements*. In: *Research in social movements*. v. 1. Greenwich: JAI Press, 1978.
- SMELSER, N. *Theory of collective behavior*. New York: Free Press, 1962.
- TOURAINÉ, A. *Return of the actor: social theory in postindustrial society*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1988.
- TURNER, R. *Collective behavior*. In: *Handbook of modern sociology*. New York: Rand McNally, 1964.
- _____; KILLIAN, L. *Collective behavior*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1987.
- WILLENER, A. *The action-image of society: on cultural politicization*. New York: Pantheon, 1970.